

O CORPO DA MÃE NA LITERATURA: UMA AUSÊNCIA PRESENTE

Cristina Maria Teixeira Stevens (UnB)

Ver o sexo de minha mãe: isso me chocaria. Para mim, não havia corpo que existisse menos que o dela; mais ainda, não existia

Simone de Beauvoir, *Uma morte muito suave*

Embora a origem da palavra *mother* (latim: *mater*, em inglês: *matter*) associe a mãe com seu aspecto concreto, corporal, já existe considerável produção teórica sobre o corpo da mãe como construção discursiva e a maternidade como performance cultural. Entretanto, não podemos ignorar o fato de que a mãe é determinada pelo corpo mais intensamente que a mulher, o que torna difícil rejeitar as implicações do biológico e suas complexas implicações, inclusive os riscos do que tem sido caracterizado como essencialismo. Está óbvia hoje a impossibilidade de explicarmos o comportamento humano apenas a partir da biologia, por sua vez, também uma ciência moral. Acredito que precisamos continuamente enfrentar essa oposição natureza/cultura - o que tornou-se quase uma obsessão ocidental, e que tem estreita relação com a dominação e exploração da mulher - quando trabalhamos a questão do corpo da mãe, objetivo do presente trabalho.

Nossa vida é demarcada por dois grandes silêncios, o nascer e o morrer, ambos fundadores e sobre os quais ainda proliferam explicações totalizantes, patriarcais na sua maioria: o “verbo se fez carne” e não o contrário, como decretado pela autoridade bíblica. A dor do parto como punição estabelecida no Gênesis, os inúmeros tabus construídos pelo homem sobre a menstruação, gestação, parto, são indicações claras de tentativas de controlar esses processos centrados no corpo da mulher, reduzida a matéria prima, puramente corpórea, libidinal, a partir da qual o simbólico se origina. Este anátema natureza/cultura, e suas consequências devastadoras para a mulher, tem origem remota: da liberdade sexual nos estágios primitivos da humanidade à sacralização da castidade e da fragilidade da mulher, são inúmeras e reveladoras as narrativas que tentam explicar/controlar, a força genésica do corpo da mulher, transformando-a em objeto abjeto, para usar o termo da Kristeva

Em *The Origin of the Family, Private Property and the State*, Engels argumenta - com base em pesquisa arqueológica, que foi esta função biológica a responsável pela primeira grande divisão de trabalho da humanidade e organização de papéis de gênero; nesta estruturação binária, coube à mulher a imanência do biológico. Esta divisão primitiva de trabalho não foi provocada por uma incapacidade da mulher, mas pela necessidade dos cuidados com o bebê; segundo Briffault, os padrões de beleza da mulher contrastam com as imagens de fragilidade da mulher como a temos hoje: elas precisavam ter uma aparência rude e forte, demonstrando capacidade para o trabalho (p.184). Entretanto, nos lembra Engels, no estágio agrícola do período neolítico – aproximadamente há uns 8.000 anos, o que, segundo a antropologia, corresponderia a cerca de 1% na escala da evolução humana – o ser humano percebeu a equação sêmen/semente, ou seja, sua parceria no processo de fertilização da mulher, à semelhança do que era feito na natureza. Como nesta época o ser humano já não mais se encontra em seu estágio nômade da época de caça e coleta, a questão da propriedade e conseqüentemente, a obsessão com o controle do corpo da mulher - geradora do herdeiro desta propriedade - passa a ter relevância .

A maternidade, tradicionalmente assumida como o alicerce da estrutura familiar, passou a ser controlada de várias formas, com uma surpreendente proliferação de discursos patriarcais que buscam entender e controlar o que se considera o ‘imperativo da reprodução’.

Embora a crença na concepção imaculada como evidência de divindade tenha sido comum em civilizações antigas, o processo de cristianização da literatura pagã, a necessidade de negação da nossa origem na matéria, glorificação da castidade e demonização do sexo é incompreensivelmente cruel e doutrinário e, a meu ver, ainda merece muitas análises, pois esses dogmas escondem muito mais do que revelam. O corpo da mãe foi transformado em bode expiatório para os temores da carne, da mortalidade; ao mesmo tempo, como nos mostra a psicanálise, é o locus de nossa união perdida com a mãe, nosso primeiro objeto libidinal. Como ícone do ideal, a virgindade de Maria afirma a inferioridade do ser humano, concebido em ‘pecado’. Em visita realizada na National Gallery em Londres, decidi contar os quadros; das 16 salas que continham pinturas do período medieval (1250/1500): dos 209 quadros que olhei, 64 retratavam a Virgem e o Menino Jesus, além de nove quadros retratando a apenas a imagem da Virgem, a ‘Notre Dame’, como ela foi nomeada a partir desta época. Nas cinco salas que continham 77 pinturas do século XVI, 34 representavam a mesma imagem, mas encontramos em uma delas o seio da Virgem à mostra (obra não concluída, de autoria de Michelangelo) e em uma outra, a amamentação do Menino Jesus; como bem alerta Aminatta Forna em seu livro *Mãe de Todos os Mitos: Como a Sociedade Modela e reprime as Mães*: o menino Jesus nunca foi pintado chorando e sua mãe nunca tem uma aparência irritada ou cansada em está envolvida com os afazeres prosaicos da maternidade. É bastante revelador comparar as representações idealizadas da maternidade no mundo cristão com um quadro do pintor Gustave Courbet – *L’Origine du monde* (1866 – Museu D’Orsay, Paris), que retrata uma enorme vagina de uma mulher cujo rosto não aparece, mas com pernas e seios em postura de relaxamento bastante reveladores da ausência de sentimentos de pecado no exercício da sexualidade que tem a reprodução como consequência natural

.Influenciados pela seminal (por que não ovular?) contribuição de Simone de Beauvoir, a qual definia a maternidade como uma “armadilha da natureza”, os estudos feministas mais antigos colocavam a problemática do corpo em conflito potencial com os interesses da mulher, como se nosso biológico, e não os usos que o patriarcado fez do mesmo, fossem nossos inimigos. O desconforto do movimento feminista com a vulnerabilidade e falta de controle que são atribuídos à - e com certeza são elementos da - maternidade, fez com que as feministas eliminassem essa identificação com a biologia, uma reação compreensível à associação patriarcal mulher=corpo. Entretanto, desde os anos 70, vários estudos foram desenvolvidos a partir de uma perspectiva feminista, com o objetivo de historicizar a problemática da reprodução e da biologia feminina, e hoje podemos afirmar com segurança que a reprodução não é um fato biológico atemporal - a biologia já não se pretende existir fora da história; ao contrário, observa-se um uso ideológico da biologia. Busca-se então, não apenas conscientizar a mulher sobre as cruéis distorções das formulações patriarcais sobre a maternidade, mas também despertá-la para o enorme potencial positivo dessa condição. São riquíssimas as produções teóricas nesta fase, com estudos nas áreas de psicanálise, sociologia, história, religião, antropologia, além de relatos de experiências individuais incorporados nessa nova textualidade sobre tão complexa temática. Destacamos nesse período as contribuições de Nancy Chorodow, Dorothy Dinnerstein, Adrienne Rich, e das teóricas

francesas Helene Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva, essas três últimas trabalhando sobretudo no sentido de resgatar, reinterpretar e revalorizar a diferença – com a vitalidade que eu caracterizaria como típica de um processo de ‘retorno do reprimido’. Entretanto, concordamos com a análise de várias feministas que essas teóricas (defensoras do chamado ‘feminismo da diferença’), ao buscarem cultivar conexões e arqueologias ginocêntricas, podem ter negligenciado o perigo de satisfazer a imperativos essencialistas conservadores. Em nossa cultura ocidental, as fronteiras entre natureza e cultura são fortemente policiadas, o que tem estreita relação com a dominação e exploração da mulher/mãe. Entretanto, Elaine Tuttle nos explica em seu livro *Mother Without Children. Contemporary Fiction and the Crisis of Motherhood* que se observa a partir dos anos 1970 uma espécie de culto à maternidade com associações entre mulher/natureza; segundo ela, isto foi resgatado pelo chamado eco-feminismo, em oposição aos aspectos destruidores da tecnofilia. Entretanto, longe de serem vítimas passivas de uma sociedade excessivamente regulada pela tecnologia, essas mulheres/mães são agentes nesse processo de repensar a relação ser humano/natureza.

Ao longo de quatro anos de leituras sobre esta temática em obras teóricas e ficcionais, pude perceber uma mudança gradual da função maternal que se situa numa espécie de encruzilhada, já que a maternidade é ao mesmo tempo um dos pilares que sustentam o patriarcado mas também um elemento importante da identidade feminina: todos nós temos mães, mesmo as mulheres que hoje, felizmente, podem exercer sua sexualidade desvinculada da “inigualável missão que lhe distinguiu Jesus”, como se pensava inquestionavelmente. A maternidade é um *locus* de poder e opressão, auto-realização e sacrifício, reverência e desvalorização, aspectos complexos que precisam ser trabalhados a partir da ótica da mulher. Em minha pesquisa, identifiquei não apenas o tratamento inadequado sobre a temática da maternidade, mas também a relativa escassez de trabalhos desenvolvidos por mulheres sobre este assunto. Como professora de literatura inglesa e estadunidense, tenho sentido uma espécie de ‘vácuo narrativo’ sobre a maternidade nos textos ficcionais que tenho lido nos aproximadamente trinta anos de minha vida profissional, sobretudo no que diz respeito à questão do corpo da mãe e as implicações desse silêncio para o movimento feminista em geral; acredito na necessidade e importância da resignificação da mãe/do maternal, das implicações naturais, históricas, religiosas, culturais, através das quais o corpo da mãe foi ideologicamente constituído. Buscamos auxílio na Psicanálise, pois ela nos fornece elementos para uma “hermenêutica do recalco”, e assim nos auxilia nesta tentativa de entender as origens das nossas fantasias e a remodelação das nossas origens através das inúmeras formulações patriarcais em torno do corpo da mulher.

Juliet Mitchell foi uma das primeiras psicanalistas a trabalhar essa ciência a partir da perspectiva feminista, objetivando desenvolver uma teoria de diferença sexual na sociedade patriarcal, para refletir sobre o problema da natureza e a gênese da opressão da mulher e a transformação da anatomia em ‘destino’. São inúmeros os estudos desenvolvidos por psicanalistas feministas contemporâneas, que adaptam os *insights* da Psicanálise para um exame dos mecanismos inconscientes que organizaram o patriarcado; enfatizam que o edípico não é a primeira estrutura psíquica e mostram como a fase pré-edípica subverte a fase edípica, ao revelar o substrato matriarcal de todo desenvolvimento psíquico. Como nos explica Jane Flax, na fase pré-natal, a criança é fisicamente parte do corpo da mãe, de quem recebe os nutrientes e demais

elementos formadores do seu corpo. Essa dependência física torna-se também emocional e estende-se após o nascimento: a identificação primária da criança é com sua mãe. Somente numa fase posterior do seu desenvolvimento, a criança identifica-se com o pai, num processo secundário de identificação.

Entretanto, a presença da mãe exercendo a função materna tem sido analisada por Nancy Chodorow; ela argumenta que a universalidade da maternação tem sido raramente analisada, precisamente por causa do caráter de universalidade com o qual esse processo foi investido e que ela problematiza em seu seminal/ovular livro *The Reproduction of Mothering*. Sua tese principal é a de que a reprodução dos padrões tradicionais de maternação no mundo contemporâneo se dá através de processos psicológicos induzidos social e estruturalmente que se reproduzem de forma cíclica. Essa reprodução, caracterizada como "human malaise" por Dorothy Dinnerstein, a qual argumenta que a aceitação da autoridade patriarcal (inclusive pela mulher) tem origem no temor - embora inconsciente - que a criança tem do poder da mãe; a mãe estaria portanto na posição de ser o objeto do medo e das fantasias sobre poder e autoridade, com todas as suas complexas implicações. Após apresentar as bases biológicas da gestação, parto e lactação, Chodorow explicita os fundamentos sócio-antropológicos que expandem e perpetuam essas bases, onde observa-se uma estrutura assimétrica de papéis do homem e mulher na família. Como o processo de identificação da criança ocorre de forma consciente através da aprendizagem, Chodorow demonstra como a capacidade e habilidade da mulher para a maternação - sua função inicial de 'ego externo' da criança, são fortemente internalizadas na estrutura psíquica da mulher. Ela propõe uma nova psicodinâmica, multi-parental para a família, na qual

As crianças poderiam ser dependentes, desde o início, de pessoas de ambos os gêneros; assim, estabeleceriam uma noção individual do ego em relação a ambos. Dessa forma, a masculinidade não ficaria amarrada à negação de dependência e desvalorização da mulher. A personalidade feminina estaria menos preocupada com processos de individuação e crianças não desenvolveriam medos da onipotência materna nem expectativas quanto às qualidades inigualáveis de sacrifício e abnegação das mulheres. Isto reduziria a necessidade do homem de defender sua masculinidade e controlar as esferas social e cultural que tratam e definem as mulheres como secundárias e impotentes, bem como ajudaria a mulher a desenvolver a autonomia que tem sido sacrificada por essa excessiva imersão em emoções e atividades relacionaisⁱ.

Segundo Freud, a relação mãe/filho encontra-se inexoravelmente reprimida, e atrás da barreira intransponível da não representabilidade do Real, para Lacanⁱⁱ. As feministas francesas Julia Kristeva, Helene Cixous, e Luce Irigaray, utilizam a problemática da maternidade a partir de Freud, mas enfatizam a fase pré-edipiana; colocando a mulher/mãe numa posição intencionalmente ex-cêntrica em relação ao poder definido pelo simbólico e transformando o corpo em fetiche em relação à escrita (écriture feminine). Para elas, o ímpeto que se esconde por trás do falocentrismo é a matrofobia: o poder é prisioneiro do medo; neste sentido, Irigaray questiona os silêncios, as ausências da psicanálise:

A relação com a mãe é um desejo louco, porque é o 'continente escuro' *par excellence*. Ela permanece nas sombras de nossa cultura, é escura e infernal. ... Essa experiência primária não é muito popular entre os psicanalistas: na verdade, eles recusam-se a vê-la - há o perigo da fusão, morte, sono letal, se

o pai não interferir para cortar esta ligação desconfortavelmente próxima da matriz original. Será que o pai substitui o útero com a matriz de sua linguagem? Mas a exclusividade de sua lei recusa toda representação daquele corpo primeiro, daquele lar primeiro, daquele primeiro amor. Isto é sacrificado e constitui matéria para um império de linguagem que privilegia tanto o sexo masculino que o confunde com a raça humanaⁱⁱⁱ.

Esta visão do corpo da mãe como *locus* do semiótico, o falo que o homem rouba tornando-a castrada, presente e ausente, o corpo antes da linguagem, irrepresentável, perturbadora, teria, como nos explica Kristeva, enorme potencial para subversão, pois é a partir deste ‘ponto zero’ que o imaginário, palimpsesto das formações subjetivas, se constitui. A imaginação, então, seria alimentada pelo desejo de reviver a sensação de prazer total, a ausência de tensão advinda da união simbiótica com a mãe, ao mesmo tempo em que luta contra esta identificação – que o remeteria estágio do não *self*; Negar uma ligação tão forte e dolorosa não é simples. O poder patriarcal esconde o medo; tudo que se conquista pode ser perdido e portanto tem que ser renovado. O poder do materno continua a ameaçar e a permanente tentação à regressão deve ser eliminada/administrada/socializada/ritualizada de inúmeras e complexas formas que envolvem a idealização e, ao mesmo tempo, inferiorização, da mulher=mãe. Este território arcaico do maternal é apropriado; rearticulado na linguagem e também na arte. Como nos lembra Marianne Hirsch, citando Barthes, “o escritor é aquele que brinca com o corpo da mãe”^{iv} o objetivo deste trabalho é analisar esta ‘brincadeira’.

“Eu penso onde não existo pelo pensamento, portanto, sou-o onde não penso”^v; essas palavras de Lacan sobre o Real - onde a mãe, o “Outro Primordial” começa a faltar, instaurando assim o desejo - mostram sucintamente o estágio originário e crônico da nossa insuficiência, ou seja, o quanto a falta falta. O homem não pode significar sua falta e é obrigado a esquecer a dor da separação com a mãe, o que ocorre no pré-simbólico, como já vimos. Em seu livro *Jacques Lacan: Uma Introdução*(1979), Anika Lemaire nos explica que, para Lacan, no simbólico o sujeito não é senão representado, traduzido: existindo no Real em fusão simbiótica e como prolongamento do corpo da mãe, o sujeito “separare = se parere”(p.122), ou seja, de sua partição o sujeito procede à sua parturição. Com este despedaçamento do próprio corpo, separando-o do corpo da mãe, ele produz a demarcação de si mesmo; este recalque originário, esta renúncia à onipotência de seu desejo do *Eros*, dói mas liberta: a criança. Separada da mãe, funda-se a si mesma, aceitando seu desejo limitado, legislável, e se engaja na procura de objetos distantes do objeto inicial do seu desejo: corpo a mãe, recalcado e substituído no simbólico.

Apesar da grande dificuldade em entender Lacan, acredito que sua explicação sobre gênese sócio-linguística da subjetividade: pelo menos nos livra da concepção metafísica (leia-se masculina/patriarcal) do sujeito e revelam a fragilidade subjacente a esta força fálica, sobre a qual Lemaire nos explica:

Se o falo [sempre atribuído por/para aqueles que têm pênis] adquire em certas sociedades o sentido simbólico da não-falta ... é mais em razão de uma função e de um poder que lhe foram concedidos do que por um valor ‘em si’ – o falo é o que nega a falta, o que preenche o vazio em nossa cultura – de fato, ninguém tem um ‘*falus*’ mítico que excluiria a falta. ... O homem tem um pênis, ... um órgão que foi eleito para a função de símbolo fálico da não-falta e que, então, engendra as formas conflituosas particulares dos complexos de castração masculino e feminino (104).

Entretanto, o inconsciente insinua-se no discurso consciente, seguindo um processo que Lacan descreve como metafórico e metonímico, ou seja, na linguagem há um ilusório colamento do significado no significante para dar ilusão de completude, assim como se substitui a parte pelo todo, administrando assim, no simbólico, o sempre insaciável desejo do corpo da mãe. Para a lacaniana Kristeva, a poesia seria o lugar onde o maternal reprimido podia re-emergir; para ela, sempre houve um resíduo de imerção maternal que escapa à lei, ao simbólico. Cixous também acredita na capacidade de transformar não apenas significados, mas também o sistema de significação; para ela, a imaginação criadora tem um potencial para subverter a referencialidade da linguagem: “a escrita/a literatura [writing] inventa novos mundos”^{vi}

Como vimos brevemente, a Psicanálise coloca no início da formação do *self* a presença/ ausência da mãe; entretanto, ela não desenvolve uma história da mãe que não seja apenas o objeto de desejo da criança ou a matriz a partir da qual a subjetividade da criança se desenvolve. Acreditamos que a mãe precisa tornar-se o sujeito de sua construção, um autor que ainda está ausente nesses dramas. Quando envolvemos a psicanálise na cena da literatura, pensamos que esta ausência é reveladora; por que são abundantes os exemplos de mães desviantes na literatura e mitologia ocidentais como Medea, Jocasta, Lady Macbeth, para citar apenas alguns exemplos bem conhecidos? Se olharmos para a literatura inglesa do século XIX, por exemplo, onde a influência da rainha Vitória – mãe de nove filhos de partos sempre difíceis, mãe e esposa dedicada – contribuiu fortemente para a ideologia da maternidade tradicional, observamos uma preocupante construção dessa imagem. Em Dickens, as mães, quando presentes, são inexpressivas ou egoístas, incapazes de amar (A sra.. Gradgrind e a esposa de Stephen em *Hard Times*, respectivamente), ou já estão mortas quando o romance se inicia. (*Oliver Twist*, *Copperfield*); nos romances Jane Austen elas são fracas, para não dizer ridículas; as heroínas dos romances das irmãs Bronte em geral nunca têm mães - com exceção de *Agnes Grey*, onde a figura da mãe é praticamente invisível e em *Shirley*, onde a presença da Sra. Pryor é também periférica, embora desafie a representação idealizada deste papel, já que ela havia inicialmente abandonado sua filha Caroline.

Além dessas quatro brilhantes escritoras do século XX, todas sem filhos, enfatizamos sucintamente a representação da mãe em George Eliot (pseudônimo de Mary Ann Evans), a qual, feliz por não ter tido filhos como ela mesma afirma (MCKNIGHT, 1997:117), nos fornece imagens mais complexas dessa complexa função em todos os seus romances; em *Silas Marner*, por exemplo, a ‘função materna’ é exercida pelo Silas, já que a mãe da filha (bastarda) que ele cria com competência e sensibilidade, morre vitimada por alcoolismo e pobreza extremos. Mas é com *Adam Bede*, o qual, apesar do título do personagem masculino central (como *Daniel Deronda*, *Silas Marner* e *Felix Holt*), apresenta uma narrativa de sedução, gravidez e infanticídio envolvendo a intrigante Hetty. Apesar de o parto ser uma experiência que tem estado praticamente ausente na literatura, a reação da crítica ao tema explorado por Eliot indica o quanto esta “literatura de gravidez” era considerada inaceitável:

O autor de *Adam Bede* aderiu a uma prática muito curiosa que agora está se tornando comum entre os romancistas, e é uma prática que consideramos mais indesejável: a cronologia e discussão dos vários estágios que precedem o nascimento de uma criança. Parece que estamos ameaçados com uma literatura da gravidez. ... Vamos copiar os velhos mestres da arte, os quais, se nos dão um bebê, nos dão de uma vez. Um autor decente e um público decente vão entender os sintomas premonitórios^{vii}.

Sem querermos expandir a análise deste brilhante romance, é importante acentuar que sua densidade sociológica e psicológica, bem como sua construção narrativa admirável, foram ignorados pelo crítico, provavelmente porque sua temática não era sobre “guerra e paz”:

Considerando a inegável contribuição da literatura na construção de práticas mais libertárias sobre a maternidade, é animador observarmos na literatura contemporânea uma crescente e vigorosa prática contestatória de imagens do corpo da mãe, tradicionalmente categorizadas como negativas, quando não evitadas. Essas imagens são discursivamente transformadas com associações positivas que passam a produzir subjetividades e identidades novas para a mulher-mãe. Passamos então a analisar um dos romances da escritora inglesa contemporânea Michelle Roberts – *The Book of Mrs. Noah* - onde a escritora trabalha com uma pletera de ideologias heterogêneas, e também com fantasias inconscientes sobre a maternidade. Em entrevista para a BBC, Roberts nos explica: “Quero transformar o corpo sempre em linguagem”^{viii}. Na maioria de seus romances, Roberts explora o amor, a experiência, a perda do maternal como corpo e como metáfora. Ela fala sobre isto no seu livro *Food, Sex, and God*, em um capítulo sintomaticamente intitulado “The Flesh made Word”(a carne torna-se palavra):

Tinha que sair em busca de minha mãe, e da tradição literária que deu corpo [embodied] a ela. Ela não estava lá como meu direito de nascença. Ela estava escondida. Eu não tinha um modelo feminino para tornar-me poeta... Tive que descobrir e inventar uma tradição que me permitisse tornar-me poeta. Tive que imaginar um corpo maternal feito de palavras, leite, música, permissividade, ferocidade, doçura e poder. ... Esta mulher invisível tornou-se minha musa.^{ix}

Em praticamente todos os seus romances, a escritora dá centralidade a essa temática^x de grande interesse pessoal, talvez consequência de circunstâncias de sua própria vida. Na entrevista acima referida, Roberts confessa que se tornou estéril em função de problemas anteriores de controle de natalidade; entretanto, ela confessa que vê na criação literária uma força compensatória para sua incapacidade de gerar filhos: “mas claro que livros são como bebês” , uma idéia que aparece de forma interessante em seu último romance: “O ouvido da Virgem Maria, minha querida, pode ser entendido como símbolo de .um orifício sexual. Será por isto que a linguagem pode ter tanto efeito erótico? Estaria isto relacionado ao conceito das Musas operando como fantasias amorosas que inspiram livros-bebês ?”^{xi} Em nossa leitura de seus romances, percebemos que eles representam uma tentativa de pensar para além da dualidade natureza/cultura, e possibilitam repensar a maternidade a partir de uma perspectiva diferente que desconstrói a mística da maternidade enquanto identidade institucional imposta, para afirmá-la como admirável experiência inovadora.

Noah trabalha temas complexos como as verdades do Genesis, a idéia do divino, da linguagem e, permeando isto, a maternidade, a linguagem e a criatividade. Em *Noah*, as fronteiras entre o real e o imaginário - como também as estruturas de tempo e espaço - estão completamente confusas; a personagem central (a Sra. Noé) acompanha o marido cientista em uma viagem à Veneza; entretanto, ela se imagina como a esposa do ancestral bíblico Noé e embarca em uma ‘Arca’ (que é também a biblioteca onde ela trabalha), para cuja viagem convida cinco ‘Sibilas’ do mundo contemporâneo. Cada uma delas - identificadas não pelo nome cristão, mas por aspectos bastante conhecidos da vida das mulheres – “Desafiadora”, “Tagarela”, “Revisionista”, “Correta”, “Abandonada” -

narram suas histórias de vida como esposas/companheiras, mães e escritoras. Essas histórias (aqui resumidas de forma bastante simplificadas) ilustram diferentes formas de opressão sofrida pelas mulheres ao longo dos séculos, a partir do mito de Noé: a Desafiadora planeja abandonar sua família - marido e filhos - de forma a poder dedicar-se ao seu trabalho de escritora; a Revisionista, mãe divorciada e escritora frustrada, tenta administrar a relação com sua filha em meio aos preconceitos de sua nova condição de lésbica; a Tagarela, mãe, nora e esposa dedicada, reflete no seu “santuário” (a cozinha) sobre sua intenção ainda não revelada de não ter mais filhos e sobre seu desejo frustrado de escrever, considerado pela família com condescendência apenas como um hobby. A Abandonada, solteira, solitária, busca refúgio na escrita; a Correta, sem filhos, produtora de best-sellers de baixa qualidade, dedica-se à sua 'linha de produção' com afinco e determinação como estratégia compensadora para sua 'falta'. Destacaremos em nossa análise alguns exemplos relacionados à experiência da maternidade, descrita de inúmeras formas nas histórias produzidas pelas Sibilas; é uma experiência ansiada pela personagem principal e negada pelo marido ao longo da narrativa, como um dos seus elementos estruturadores. As histórias tratam de experiências de aborto, de “úteros congelados onde nenhuma bebê doente cresce” (28), a problemática de filhos ilegítimos, adotivos, a fisicalidade da gravidez e do parto, o assassinato de bebês pelas suas pobres e seduzidas mães, e tantos outros elementos que a ideologia patriarcal da maternidade ignora

. Enquanto que o ponto de vista masculino é apresentado falicamente por uma única voz – a do *Gaffer* (aquele que comete gafes, no romance claramente identificado com o autor dos Evangelhos), são inúmeras e polifônicas as vozes das mulheres que constroem complexos exercícios de resignificação de significados patriarcais: uma suposição teórica, semiótica (para usar o conceito de Kristeva) para recuperar a narrativa primeva do poder da mãe e do temor que homem sente deste poder. Durante todo o romance, os caminhos de sua intrincada estrutura e seu complexo conteúdo nos levam à mãe “O sangue e o corpo da mãe nutre a criança dentro dela. Esta é a verdadeira comunhão sagrada” (102). Entretanto, é importante observarmos que, ao lado da questão do corpo da mulher=mãe, ou mesmo através dele, a problemática da linguagem e o poder do simbólico são também trabalhados. Percebemos ao longo do romance que a Arca é uma metáfora explícita do corpo da mãe, um espaço de gestação não apenas de bebês mas de novas mães, de novas linguagens e de criação artística, já que as Sibilas não dão à luz apenas a bebês mas também a novas histórias que problematizam radicalmente narrativas canônicas, como a de *Gaffer*, o único tripulante masculino da Arca:

Nunca passou pela minha mente que mulheres, e certamente nunca mães, poderiam criar novos mundos. ... Eu tive que semear a semente. É o Homem (Male) que representa a humanidade, criatividade, busca espiritual afinal de contas. Como é que uma mulher conseguiria fazer isto? Como é que uma mãe poderia saber sobre o desenvolvimento humano? Qualquer tolo pode dar à luz. Escrever um livro [referindo-se à Bíblia, de sua autoria] é um trabalho. ... Mulheres escritoras, bem, elas são como úteros perfurados, deixando escapar uma torrente esquisita de prolixidade, um berro esquisito e indisciplinado. Elas não criam. Elas apenas derramam coisas deste grande espaço vazio que elas têm dentro delas. Elas conseguem segurar bebês lá dentro, nunca livros. Apenas mulheres neuróticas frustradas escrevem, mulheres que não podem ter filhos, ou que se assustam com suas realizações

normais da mulher. ... Estou convencido que vocês só conseguirão escrever apropriadamente quando vocês se elevarem para além de seus corpos e esquecerem-los, quando vocês atingirem uma altura a partir da qual vocês conseguem enxergar toda a humanidade e falar por ela, quando você se tornar, sim, andrógino. Assim como eu, ou, para colocar de forma clara, como você tornar-se viril. Claro que gosto de pensar que tenho um útero. Mas é imaginário. Um útero de verdade só atrapalharia (p. 56).

Numa das histórias do romance a matriarca esposa de Noé transporta o leitor para uma fantasia anterior ao Genesis, para as águas de Atlantis; as águas nos remetem ao maternal, o qual foi violentamente reprimido pela religião patriarcal que colocou na maternidade o “destino místico” (69) das mulheres que eles definem e controlam: “A água é minha mãe, minha amante, minha cama A água é meu deus.... Como uma criança se sente quando nasce, empurrada da segurança das águas que a cercam para o mundo enorme e seco?” (83/4). Sem nome próprio e apenas identificada como a esposa do patriarca bíblico, a Sra. Noé nos fornece várias imagens tradicionais sobre a mãe construídas no simbólico: a perda da liberdade, da individualidade, a mãe voraz e abjeta, a maternidade como prisão e armadilha para as mulheres, a mãe como assustador objeto de desejo:

É isto então, a mãe? Este horror? Este grande e sombrio abraço que aprisiona e perdura, que não deixa a criança libertar-se? ... As mães não são livres. Uma mulher que engravida, entra no tempo e na história que a envolvem inexoravelmente até o momento de dar à luz; aquela longa estrada da maternação, sua vida alterada irrevocavelmente e completamente. ... Tornar-se mãe é tornar-se presa; amarrada, comprometida, como numa prisão. Confinamento. Deixando as encruzilhadas, as inúmeras e tentadoras possibilidades; escolhendo apenas uma, não pairando sobre muitas.... Portanto, é melhor imitar os homens. Portanto, é melhor sonhar com milhares de possibilidades, fantasiar onipotência, negar a morte. (68/9)

Ela não aceita este destino; também percebe que seus exercícios criativos de construção da linguagem (suas opiniões sobre a vida, sobre o sagrado, sobre filhos, sobre responsabilidades da mulher e do homem, são consideradas tolas pelo marido, mas na verdade estão levando-a para caminhos bem distantes dele. Decide então não acompanhar Noé na viagem ‘decretada’ por Deus rumo à vida convencional que ele como patriarca vai normatizar; instala-se então num domínio revolucionariamente novo em termos dos paradigmas de agência, tempo e espaço que conhecemos e que dará origem às novas histórias das Sibilas, as quais, através de suas novas narrativas, vão formular novos discursos sobre a experiência da maternidade e a formação do *self*: “Bem vinda, morte. Em você eu mergulho. Até reencarnar, nascer novamente na próxima estória. Sou o fantasma na biblioteca, fazendo barulho, invisível, escondida nas páginas dos livros sagrados, esperando minha chance para assombrar uma nova geração de leitores. Sou o que falta. Sou uma andarilha”. (88)

Em sua tese de doutorado sobre a mãe em Michele Roberts, Sara Falcus observa que *Noah* tenta interrogar a fantasia sobre a mãe, em termos de experiência e metáfora. Como Falcus enfatiza, *Noah* desconstrói admiravelmente o binarismo matéria/espírito. Longe de representar regressão, falta de autonomia como quer a psicanálise e a ideologia patriarcal, o romance nos mostra como a linguagem também nos leva à mãe, não necessariamente ao “Nome do Pai”, como quer Lacan.

O final do romance constitui na verdade o seu início, pois o livro relata o sonho da Sra. Noé contemporânea, que decide transformá-lo em livro para recuperar este intrigante palimpsesto de histórias, esta genealogia que redefine a mãe em sua imaginação – ou em um nova ‘realidade’ para a mulher/mãe? Lembramos aqui a contribuição de Helene Cixous: ela enfatiza o potencial transgressor do desejo reprimido, o qual consegue ser veiculado também através da literatura: “se meu desejo é possível, significa que o sistema já está deixando entrar alguma coisa. Os poetas sabem disto; tudo que pode ser pensável é real, como sugere Blake”^{xii}

Ao escolher esta temática para minha pesquisa, sabia dos riscos de tentar retomar debates essencialistas que já superamos nos estudos feministas; mas continuo enxergando a mulher (ou melhor, o ser humano) não como uma abstração ‘desencorpada’ e sim como uma identidade bio-cultural em constante processo de construção; e neste processo, queria escutar minha voz em meio a tantas vozes contraditórias sobre este assunto tão complexo; tentei também superar o receio de mais uma vez transformar a mãe em um objeto de minha fala, mas fui motivada pela sensação de que esta iniciativa seria melhor que o silêncio e aceitação. Concordo com a argumentação de Germaine Greer de que a busca por uma maternidade digna para as mulheres deveria ser uma prioridade feminista; para ela, “o corpo da mulher não é nosso inimigo, mas nossa força; ele é a fonte de todos os outros corpos.... A recusa em ser definida, discriminada, ser colocada em desvantagem a partir de nossa biologia não pode ser confundida com a necessidade de negarmos nossos corpos”^{xiii} Entendo que uma das grandes contribuições do feminismo foi o desmascaramento da tradição da ‘glória radiante’ do cristianismo que sempre nos mostrou realizadas apenas nas formulações idealizadas da imanência da maternidade. Entretanto, com relação ao interminável debate entre natureza e cultura, precisamos pensar que o que tem sido normalmente desvalorizado na cultura patriarcal tem na verdade sua força. Ao concluir este trabalho, faço minhas as palavras de Irigaray, que nos alerta para termos cuidado em não ‘matar’ a mãe novamente, “uma vez já imolada no nascimento de nossa cultura. Nossa tarefa é trazê-la de volta à vida, trazer de volta aquela que vive entre nós e dentro de nós. ... Devemos recuperar a dimensão criativa maternal que é nosso direito de nascença, bem como a criatividade que nos foi negada por séculos”^{xiv}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. *The second sex*. Trad. H.M. Parshley. 3. ed. New York: Vintage Books, 1989
- CHODOROW, N. *The reproduction of mothering. Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press, 1978.
- CIXOUS, H, CLEMENT, Catherine. *The newly born woman*. (1. ed francesa: 1975) Trad. Betsy Wing. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- DALY, B.O. & REDDY, M.T. *Narrating mothers*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1991.
- DENVER, C. *Death and the mother from Dickens to Freud*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DINNERSTEIN, D. *The mermaid and the minotaur. Sexual arrangements and human malaise*. 4.ed. New York: Harper & Row, Publishers, 1977.
- FALCUS, S.J. *Corpses in the church and mouths of men: mothers, daughters, and*

- the maternal in selected novels of Michele Roberts.* (Tese de doutorado). University of Aberdeen, 2002
- FORNA, A. *Mãe de todos os mitos – como a sociedade modela e reprime as mães.* Trad. Angela L. Andrade. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações, 1999.
 - FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo.* Trad. José O. A. Abreu. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
 - _____. *On metapsychology and the theory of psychoanalysis.* Trad. James Strachey. 7.ed. Harmondsworth: Penguin Books, 1964.
 - _____. “Totem and taboo”. In *Freud*, vol.XIII. Trad.. James Strachey.3.ed. London:Vintage Books, 2001.
 - _____. *Reading Lacan.* Ithaca/London: Cornell University Press, 1985.
 - GARNER, S. N. et alli (eds.). *The (m)other tongue. Essays in feminist psychanalytic interpretation.* Ithaca: Cornell University Press, 1985.
 - GREER, G. *The whole woman.* London/New York: Doubleday, 1999
 - HIRSCH, M. *The mother-daughter plot. Narrative, psychoanalysis and feminism.* Bloomington: Indiana University Press, 1989.
 - HORNEY, K.. *Feminine psychology.* 3.ed. London: W.W.Norton & Co., 1993
 - IRIGARAY, L.. *This sex which is not one.* trad. C. Porter e C. Burke. 2.ed. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
 - _____. *Sexes and genealogies.* Trad.Gillian C.Gill.New York:Columbia Univ. Press, 1993.
 - KAPLAN, A.. *Motherhood and representation.* New York: Routledge, 1992.
 - LEMAIRE, A. *Jacques Lacan.* Trad. Durval Chechinato. Rio de Janeiro: Campus Editora,1979
 - MATUS. J.L. *Unstable bodies. Victorian representations of sexuality and maternity.* Manchester: Manchester University Press, 1995.
 - MCKNIGHT, N.J. *Suffering mothers in mid-Victorian novels.* London, MacMillan,1997.
 - MEANEY, G.. *(Un)Like Subjects. Women, theory, fiction.* 2.ed. London: Routledge, 1993.
 - MILLER, N.(ed.).*The poetics of gender.* New York Columbia Univ. Press, 1986.
 - RICH, A.. *Of woman born..* 3. ed. London: Virago, 1981.
 - ROBERTS, M. *The Book of Mrs. Noah.* London: Methuen, 1987.
 - _____. *Food, sex and God.* London: Virago Press, 1998.
 - _____. *Reader, I married him.* New York: Pegasus, 2006
 - TUTTLE, E.. *Mother without children; contemporary fiction and the crisis of motherhood..* Berkeley: University of California Press, 1997.
- OBS.: No presente trabalho, as citações dos livros publicados em inglês foram traduzidas por mim

NOTAS

ⁱ CHODOROW, 1978: 218

ⁱⁱ Conforme nos explica Jane Gallop em seu livro *Reading Lacan*, a perda de mãe na fase pré-edipiana é traduzida por Lacan para um conceito mais generalizado de perda originária, uma falta no sujeito, no *Real* (ponto zero, irrecuperável), deslocada e velada pela linguagem mas que persiste como desejo inconsciente. Segundo Gallop, o que Lacan chama de Desejo é precisamente o resultado desta repressão primária que provoca uma nostalgia para além do *nostos* (do grego: *retorno*), para além do desejo de retorno; um desejo que nunca pode ser satisfeito porque o ‘objeto’ simplesmente não pode ser definido;

assim, 'repressão primária' seria precisamente aquilo que é deixado de fora de articulação através da linguagem (GALLOP, 1989:150). O Desejo, conceito chave para Lacan, desafia a unidade do sujeito e consequentemente qualquer possibilidade de uma identidade sexual unitária, fixa. A estruturação patriarcal do desejo – ser-na-perda (lack-in-being) - ocorre no que Lacan denomina o *estágio do espelho*, quando então o sujeito localiza-se numa ordem que está fora dele, e ele se sujeita àquela ordem - mãe e filho assim se posicionam na ordem simbólica da linguagem e da cultura, governados pela Lei do Pai. Ainda segundo Gallop, a castração para Lacan não é apenas sexual mas linguística: destituído de qualquer controle e compreensão completa da linguagem, significamos a nós mesmos/as num sistema simbólico que não comandamos; ao contrário, ele nos comanda (p.20). A partir daí, Lacan questiona então a ilusão da autoridade fálica.

ⁱⁱⁱ IRIGARAY, 93, p.10-14

^{iv} HIRSCH, 1989:52

^v LEMAIRE, 1979:173

^{vi} CIXOUS, 1987:89

^{vii} MATUS, 1995:1

^{viii} Acervo sobre Michele Roberts disponível no site da "BBC World Service"

^{ix} ROBERTS, 1998: 121

^x *A Piece of the Night* (1978), *The Visitation* (1983), *The Wild Girl* (1984), *The Book of Mrs Noah* (1987), *In the Red Kitchen* (1990), *Daughters of the House* (1992), *During Mother's Absence* (1993), *Flesh and Blood* (1994), *Impossible Saints* (1997), *Fair Exchange* (1999), *The Looking Glass* (2000), *Playing Sardines* (2001), *The Mistressclass* (2003), *Reader, I Married Him* (2006).

^{xi} ROBERTS, 2006:98

^{xii} CIXOUS, 1987: 78

^{xiii} GREER, 1999: 325

^{xiv} IRIGARAY, 1993:18